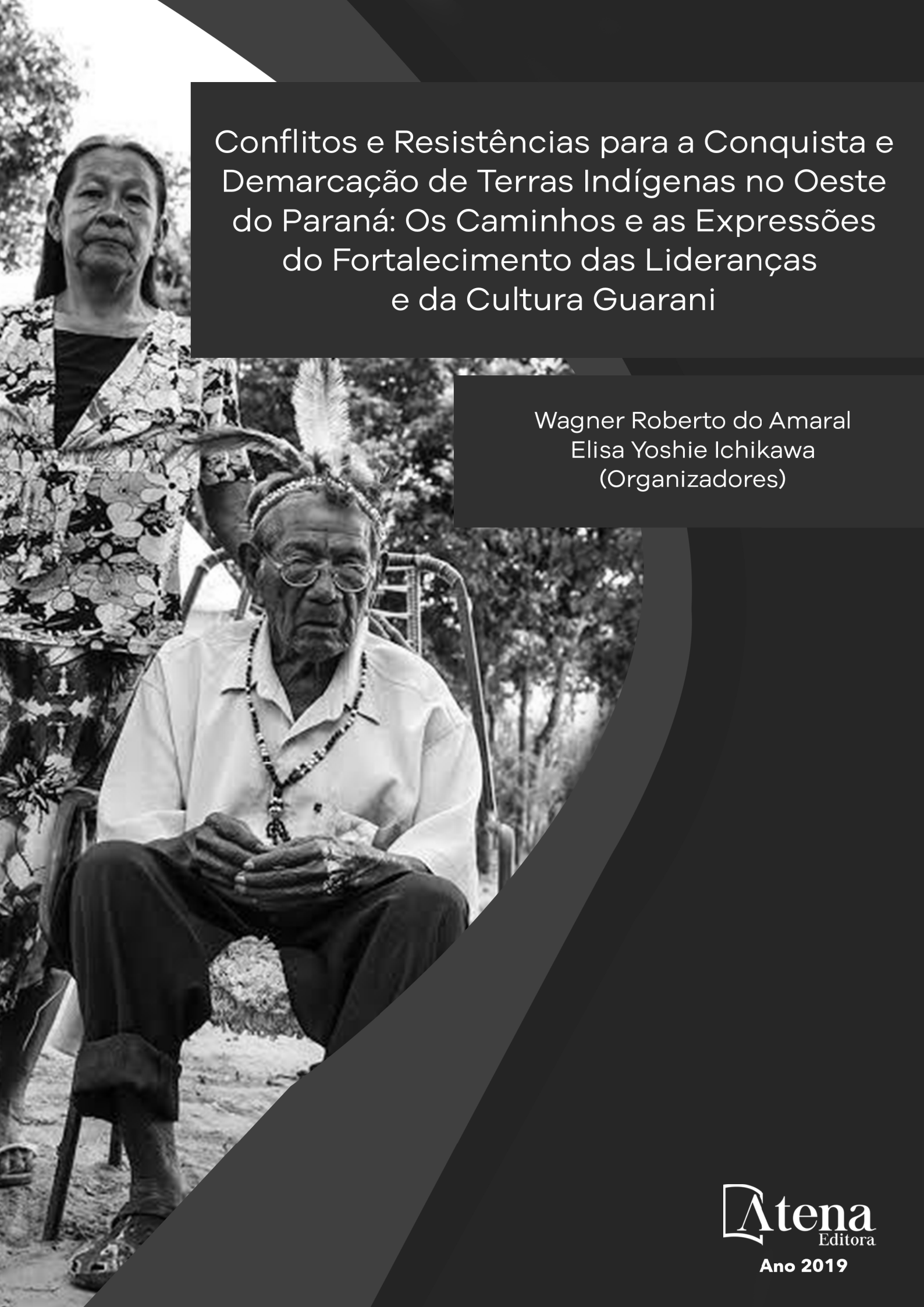


Conflitos e Resistências para a Conquista e
Demarcação de Terras Indígenas no Oeste
do Paraná: Os Caminhos e as Expressões
do Fortalecimento das Lideranças
e da Cultura Guarani

Wagner Roberto do Amaral
Elisa Yoshie Ichikawa
(Organizadores)



Conflitos e Resistências para a Conquista e
Demarcação de Terras Indígenas no Oeste
do Paraná: Os Caminhos e as Expressões
do Fortalecimento das Lideranças
e da Cultura Guarani

Wagner Roberto do Amaral
Elisa Yoshie Ichikawa
(Organizadores)

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C748	Conflitos e resistências para a conquista e demarcação de terras indígenas no oeste do Paraná [recurso eletrônico] : os caminhos e as expressões do fortalecimento das lideranças e da cultura Guarani / Organizadores Wagner Roberto do Amaral, Elisa Yoshie Ichikawa. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-822-9 DOI 10.22533/at.ed.229192711 1. Demarcação de terras – Paraná. 2. Índios da América do Sul – Posse da terra – Paraná. 3. Reservas indígenas. I. Amaral, Wagner Roberto do. II. Ichikawa, Elisa Yoshie. CDD 980.4114
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

A capa deste livro homenageia o Sr. Claudio Barros e a Sra. Vitória Nunes, importantes lideranças Avá-Guarani pertencentes ao Tekohá Porã, município de Guaíra/PR. O Sr. Claudio faleceu no dia 07 de janeiro de 2019, com 105 anos, sendo uma referência histórica de luta, inspiração e resistência para o povo Avá-Guarani e para todos nós. Claudio Barros, presente!

AGRADECIMENTO

Livro produzido com o apoio financeiro da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, por meio do Edital 012/2015 – Memórias Brasileiras: Conflitos Sociais.

Agradecemos a todas as comunidades Avá-Guarani da região Oeste do Paraná que acolheram a nossa equipe de pesquisa e se dispuseram a compartilhar seus conhecimentos e a compor conosco esta obra. O nosso respeito, admiração e compromisso para com a luta pela conquista do território Guarani na perspectiva de uma terra sem males.

INTRODUÇÃO

Esse nosso livro é resultado de pesquisas realizadas junto aos *tekoha* Avá-Guarani na região Oeste do Paraná, produzido com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio do Edital 012/2015 – Memórias Brasileiras: Conflitos Sociais. Tal edital apresentava como objetivo “promover e fomentar a realização de pesquisas científicas que resultem em livros que deverão focar processos e episódios (revoltas, insurreições, rebeliões populares, lutas armadas, manifestações populares, entre outros) que, ao longo da história brasileira do período republicano, tenham sido expressão da conflitividade social e significativos para o entendimento da construção do Estado e da sociedade brasileira, com valorização de episódios pouco estudados da história brasileira”.

Esse edital possibilitou a aproximação e a articulação de docentes pesquisadores de três universidades estaduais do Paraná - sendo a Universidade Estadual de Maringá, a Universidade Estadual de Londrina e a Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná - e da Universidade de São Paulo – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” USP/ESALQ. Todos esses docentes já possuíam um vínculo com pesquisas associadas a temáticas sociais nas suas diferentes áreas, seja na Administração ou no Serviço Social. Provocados pelo conteúdo progressista do edital e orientados por suas diferentes trajetórias de pesquisas, nossa equipe de pesquisadores passou a elaborar uma proposta a ser submetida. A forte inspiração da equipe nesse momento de proposição foi a profunda resistência do povo Avá-Guarani que habita a região Oeste do Paraná, já conhecida e acompanhada por parte dos pesquisadores.

No Paraná habitam três povos indígenas distintos, sendo o povo Kaingang, o povo Guarani e o povo Xetá, existindo ainda a presença de famílias Xokleng/Laklano nesse território. Cada um desses grupos étnicos e de suas comunidades possuem distintas cosmologias, distintas relações e formas de utilização das línguas indígenas e da língua portuguesa, assim como diferentes formas de organização econômica e política interna, e histórias semelhantes e dessemelhantes na relação com o Estado e com os demais movimentos sociais. No cenário paranaense – considerando que a presença indígena nesse território antecede a constituição administrativa e política do que chamamos de “Paraná” – encontramos históricas expressões de massacres, violências, expropriação dos territórios tradicionais pelo Estado e pelos empreendimentos colonizadores e capitalistas. Outrossim, também é nesse território que encontraremos profundas expressões de lutas e de resistências, seja pelo reconhecimento e demarcação dos territórios indígenas, seja pelos direitos à educação escolar indígena, à saúde indígena, dentre outros.

Foi a partir desse cenário que escolhemos como *locus*, fonte e inspiração

da pesquisa as memórias de lutas e resistências do povo Avá-Guarani que habita historicamente a região Oeste do Paraná. A partir das referências que a equipe de pesquisa já dispunha sobre a realidade desta população naquela região, empreendemos a elaboração da proposta que foi submetida e aprovada junto à Capes. A proposta submetida no mês de outubro de 2015 foi aprovada apenas no mês de novembro de 2016. Foi intitulada como “Conflitos e resistências para a conquista e demarcação de terras indígenas no Oeste do Paraná: os caminhos e as expressões do fortalecimento das lideranças e da cultura Guarani”. Seu alongado título reflete justamente os desafios que se apresentam às comunidades Avá-Guarani daquela região na retomada dos seus territórios tradicionais, bem como em serem humanamente reconhecidos como sujeitos de direitos e como protagonistas e referências vivas de um patrimônio histórico, cultural e linguístico fundamental para as gerações. A escolha de categorias como: “conflitos”, “resistências”, “demarcação”, “lideranças” e “cultura Guarani” refletem ainda a perspectiva política e acadêmica da equipe.

O projeto apresentou como seu principal objetivo investigar as históricas situações de conflito e as expressões de resistência política, cultural, linguística e territorial do povo Guarani na história do território paranaense, fundamentalmente, na região da fronteira Oeste deste estado, evidenciando a emergência e os percursos das lideranças desse grupo étnico diante das violências praticadas pelo Estado brasileiro e por agentes privados que vivem na região. Constituímos ainda dois eixos temáticos orientadores para as pesquisas sendo: a formação e atuação de lideranças Avá-Guarani e suas organizações, e o papel da educação escolar e da escola Avá-Guarani nos processos de memória e de resistência.

Dentre os recursos financeiros disponibilizados, havia a previsão de seleção e bolsa pesquisa para dois mestrandos, dois pós-doutorandos e quatro estudantes de graduação em iniciação científica. Enquanto princípio da equipe em contribuir com o protagonismo e a formação de pesquisadores indígenas, dos dois mestrandos uma é pertencente ao povo Kaingang e dos quatro graduandos de iniciação científica três pertencem ao povo Guarani sendo um deles Avá-Guarani e pertencente ao *Tekoha Porã*, um dos territórios de retomada no município de Guaíra. Buscamos por vários estados brasileiros possíveis candidatos à bolsa de pós-doutorado, mas não conseguimos identificar doutores indígenas disponíveis para esta tarefa¹.

1 Importante destacar que o ingresso e a permanência de indígena na educação superior no Brasil e na América Latina enquanto uma política pública educacional é recente, sendo que a primeira política de ingresso de indígenas realizada no país ocorreu pelas Universidades Estaduais do Paraná no ano de 2002 por meio da Lei Estadual n. 13.134/2001. Para maiores informações ver: AMARAL, Wagner R. (2010). As trajetórias dos estudantes indígenas nas Universidades Estaduais do Paraná: sujeitos e pertencimentos. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba. Acessado em 25/09/2019, em: http://www.ppge.ufpr.br/teses%20d2010/d2010_Wagner%20Roberto%20do%20Amaral.pdf e AMARAL, W. R.; FRAGA, L.; RODRIGUES, I. C.; (org). Universidade para indígenas: a experiência do Paraná. Rio de Janeiro: FLACSO, GEA; UERJ, LPP. Acessado em 25/09/2019, em: <http://>

Como não tivemos tempo suficiente para apresentar e discutir o projeto com as lideranças Avá-Guarani da região Oeste do Paraná (tendo em vista os reduzidos prazos para sua elaboração e submissão), tomamos como centralidade e princípio a tarefa de submetê-lo para apreciação das referências mais importantes nos *tekohas* daquela região. Portanto, no dia 20 de julho de 2017, a equipe reuniu caciques e lideranças Avá-Guarani de toda a costa oeste do Paraná na cidade de Guaíra com a intenção de apresentar e obter um parecer das lideranças acerca da proposta. Nesta ocasião, nossa equipe já estava ampliada com a presença de bolsistas de mestrado, de pós-doutorado e de iniciação científica. Fundamental nesta ocasião foi a atuação de Rodrigo Luís, estudante Avá-Guarani de Medicina na UEL, bolsista de iniciação científica no projeto e pertencente ao *Tekoha Porã*, um dos territórios de retomada no município de Guaíra. Sua atuação como mediador e tradutor da língua Guarani contribuiu imensamente para a legitimação das ações do projeto.

A reunião da equipe do projeto com as lideranças Avá-Guarani produziu um pacto de compromisso entre os pesquisadores e os/as representantes das comunidades indígenas do Oeste do Paraná. Neste pacto, os pesquisadores apresentaram a intenção de produzir um livro didático voltado às escolas Avá-Guarani sendo esta intencionalidade debatida e revisitada a partir do pedido das lideranças indígenas de que tal livro fosse voltado não às crianças Avá-Guarani, mas às crianças e jovens não indígenas das escolas não indígenas da região, entendendo a necessidade de combater os preconceitos que sofrem cotidianamente pela população. Entendiam como fundamental a elaboração de materiais didáticos que difundam a memória de existência e resistência do povo Avá-Guarani na região.

Na ocasião deste encontro, fomos convidados a visitar os *tekoha* da região, sendo um localizado no município de Guaíra e outro no município de Terra Roxa. Foram momentos fundamentais de conexão à realidade vivenciada nos territórios indígenas na região, sendo amorosamente acolhidos e abençoados pelos *xamõi* e moradores destas comunidades de retomada. Seja iluminados pela lua e as estrelas ou no sol forte do solo arenoso dos *tekohas*, nos sentimos profundamente inspirados com tanta força e tanta luta!

Após este encontro, buscamos encaminhar os trâmites formais para iniciarmos a pesquisa sendo necessário a submissão e apreciação da proposta junto ao Comitê de Ética de Pesquisas de Seres Humanos e a autorização da Fundação Nacional do Índio. Em paralelo, realizamos seminários de formação conceitual da equipe para compreendermos melhor a realidade sociocultural, econômica e política da população Avá-Guarani na região Oeste do Paraná. No primeiro seminário realizado no mês de maio de 2017 (antes de partirmos para o encontro com as lideranças Avá-Guarani em Guaíra), contamos com a presença e participação da pesquisadora

Maria Lucia Brant de Carvalho, que socializou conosco aspectos da realidade da população Avá-Guarani na região, fundamentalmente a partir dos impactos da Usina Hidrelétrica de Itaipu. Os demais seminários realizados foram mediados por artigos e resultados de pesquisas que tematizavam a realidade Avá-Guarani, já resultados das revisões bibliográficas realizadas pelos bolsistas, assim como para organização das atividades da equipe.

Com a autorização do Comitê de Ética e da FUNAI, iniciamos as atividades de pesquisa. Programamos e realizamos três missões de pesquisa sendo a primeira realizada no período de 02 a 04 de agosto de 2018 no município de São Miguel do Iguçu/Paraná; a segunda, realizada no período de 06 a 08 de setembro de 2018 no município de Diamante do Oeste; e a terceira realizada no período de 22 a 24 de novembro de 2018 em Guaíra.

Em todas as missões realizadas nos impressionava a amorosa acolhida das lideranças, *xamõi*, *chary'i* e de todas as comunidades visitadas. A partir da primeira missão realizada, fomos convidados a nos apresentar na Casa de Reza, espaço sagrado para os Avá-Guarani. A partir daquela experiência de acolhimento e de mergulho dialógico com a cosmologia Guarani, revisitamos toda a programação passando a ressignificar a organização do tempo e a nos sintonizarmos ainda mais com as dinâmicas das comunidades.

Em cada missão, nos organizamos para realizar momentos simultâneos de encontro da equipe de pesquisa para socialização das pesquisas realizadas, bem como de diálogos com professores, lideranças e pesquisadores Avá-Guarani. Em todas as missões contamos com o apoio das equipes das escolas estaduais indígenas², sendo que as oficinas foram realizadas utilizando a estrutura desses espaços, assim como as refeições em todos os dias, compartilhada com todos os participantes indígenas e não indígenas das oficinas, aspecto que possibilitou maior aproximação com as comunidades.

Sem dúvida alguma, os momentos mais fortes para toda a equipe de pesquisa foram os vivenciados e sentidos no interior das *Opy*, das Casas de Reza, encontrando nelas – nos rituais, cantorias, nos conselhos, nas bênçãos, na amorosidade, na generosidade e no cuidado por eles compartilhado – o sentido da existência e resistência Avá-guarani.

Entre os andarilhos pelos diferentes *tekohas* do Oeste do Paraná, a pesquisa realizada contou com diversos sujeitos Ava-Guarani entrevistados, por meio da participação de jovens, adultos e velhos, homens e mulheres, *xamõi*, *chary'i*,

2 Ressaltamos que os membros da coordenação do projeto esteve em reunião com a equipe da Coordenação da Educação Escolar Indígena/Diretoria da Diversidade da Secretaria de Estado da Educação do Paraná com a finalidade de apresentar o projeto de pesquisa, contando nesta ocasião com o apoio e aprovação desta instituição e o respaldo para que as escolas estaduais indígenas da região oeste do Paraná acolhessem as atividades propostas.

lideranças, professores e estudantes indígenas convidados a somar conosco nesta empreitada de investigação. Contou ainda com a participação de sujeitos não indígenas como diretores das escolas estaduais indígenas e professores e pedagogos das escolas estaduais não indígenas.

As entrevistas e a literatura acessada por meio da revisão bibliográfica evidenciaram ainda diferentes formas de apresentar as categorias e expressões em Guarani, não tendo a pesquisa e esse livro nenhuma intenção de padronizá-las, pelo contrário, evidenciamos o nosso respeito às diferenças linguísticas existentes entre as parcialidades do povo Guarani compreendendo a riqueza cultural nelas presentes.

A partir desse percurso de diálogos, de interculturalidades e de profundas aprendizagens pelos pesquisadores *karaí* ou *jurua* (os não indígenas, para os Avá-Guarani), encontramos a inspiração para a organização deste livro. Mais do que o resultado da sistematização de conhecimentos científicos e acadêmicos produzidos pela equipe de pesquisa com pesquisadores convidados, esta obra se apresenta como mais um instrumento de luta para o povo Avá-Guarani da região Oeste do Paraná, assim como para toda a nação Guarani espalhada pelos diferentes estados brasileiros e os cinco países do cone-sul.

Este livro apresenta quinze capítulos que versam especificamente sobre diferentes aspectos da realidade e da memória Avá-Guarani que habita a região Oeste do Paraná. Por ser Guarani, essa população mantém seu *ñandereko* (modo de viver Guarani) através dos seus andarilhos pelo seu território ancestral, existente anteriormente aos tratados, disputas e invasões territoriais feitas pela colonização europeia ou pelos acordos político-administrativos entre os estados brasileiros e nos cinco países do Cone Sul da América. Este livro parte então do pressuposto da existência ancestral de um território Guarani de dimensões continentais contemporaneamente espalhado em 1.400 *tekohas*, explicitado pelo capítulo "*Territorialidades e resistências históricas: panorama continental e atualidades do povo Guarani*", de autoria de Clovis Brighenti. Inicia-se, desta forma, a explicitação de uma das posições mais importantes desta obra: o povo Avá-Guarani que habita a região Oeste do Paraná, pertencente ao povo Guarani, já habitava esse território há cerca de dois mil anos atrás, bem antes da ocupação e fundação das cidades de Guaíra, Terra Roxa, Diamante do Oeste, Santa Helena, São Miguel do Iguçu, dentre outras. Deste modo, são populações originárias e com direitos fundamentais de ocupar seus territórios tradicionais e ancestrais.

É na fronteira entre o Brasil, o Paraguai e a Argentina que o povo Guarani também vivenciará sagas históricas marcadas por massacres e por resistências. Uma das sagas mais contemporâneas constituída em nome do desenvolvimento nacional foi a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, que alagou muitos territórios

tradicionais Guarani. É nessa perspectiva que Maria Lucia Brant de Carvalho nos apresenta o capítulo *“Os Guarani da Tríplice Fronteira, Brasil, Paraguai e Argentina: os direitos às terras, à mobilidade espacial por entre as fronteiras e à cidadania”*.

No terceiro capítulo denominado *“Tekoha Jevy: um breve panorama das retomadas Guarani no Oeste do Paraná”*, sendo um dos territórios tradicionais de resistência na região, Paulo Porto refletirá acerca do que denomina como diáspora Guarani provocada historicamente pelas forças colonizadoras e mais contemporaneamente pelo Parque Nacional de Iguaçu e da Itaipu Binacional, sinalizando, contudo, os processos de retomada dos territórios tradicionais (*Tekohas*) e em busca do *Tekoa Guasu*.

A partir do quarto capítulo *“Territorialidade e demarcação de terras: a dimensão simbólica do espaço para produção de alimentos na cultura Avá-Guarani”* de autoria de Luciano Mendes e Carolina Ferraz dos Santos, iniciamos as reflexões desenvolvidas a partir do trabalho de pesquisa de nossa equipe junto aos *tekohas* da região Oeste do Paraná. Tal capítulo pauta e dialoga com as práticas de produção de alimentos a partir da dimensão simbólica Avá-Guarani, tendo em vista que os autores estão vinculados a uma tradicional instituição de educação superior da área de ciências agrárias, sociais e ambientais no Brasil, problematizando e refletindo a temática indígena.

O quinto capítulo do livro reflete acerca das *“Estratégias psicossociais de resistência das lideranças Avá-guarani sob a perspectiva da Psicologia Social Latino-americana (PCSLA)”*, tendo como autoras Juliane Sachser Angnes, Maria de Fátima Quintal de Freitas e Rozeli Aparecida Menon. Essa reflexão se orienta em um dos eixos da pesquisa que centra a importância da formação e do papel da liderança Avá-Guarani nos processos de memória e de resistência política e cultural.

Gilza Ferreira de Souza Felipe Pereira e Wagner Roberto do Amaral apresentam o sexto capítulo desta obra, *“Relatando uma experiência de pesquisa e de luta no movimento social indígena, vivenciada por uma estudante indígena na pós-graduação”*. O texto apresenta a narrativa dialógica de uma pesquisadora Kaingang bolsista do projeto (junto com seu orientador de mestrado) que inicia seu percurso como investigadora buscando analisar o papel das mulheres Avá-Guarani enquanto lideranças de seu povo. Texto de significativa alteridade entre mulheres lideranças.

Na lógica da formação de lideranças Avá-guarani, Cynthia Franceska Cardoso, Wagner Roberto do Amaral e Elisa Yoshie Ichikawa apresentam o capítulo *“Os mais velhos e a juventude Avá-Guarani: a memória como estratégia de resistência”*, identificando e analisando os encontros produzidos entre os grupos de jovens Avá-guarani e os *xamõis* dos *tekohas* da região oeste do Paraná. Problematizam o conceito de juventude e de juventude indígena, bem como a situa nos contextos de opressão vivenciados pelos jovens indígenas na região estudada.

O oitavo capítulo versará sobre *“Os conflitos para a reconquista e demarcação de territórios Avá-Guarani no Oeste do Paraná: a produção de representações sociais pela mídia”*, tendo como autores Samuel Osório Ribeiro da Silva e Elisa Yoshie Ichikawa. Refletem o conceito de representação social associada às estratégias de comunicação, analisando os conteúdos de matérias jornalísticas sobre os Avá-Guarani da região oeste do Paraná, fundamentalmente sobre a questão fundiária e o posicionamento dos veículos de mídia.

Dialogando com a área dos estudos organizacionais e com a psicologia da libertação de Martin Baró, Luis Fernando Moreira da Silva, Marcio Pascoal Cassandre e Wagner Roberto do Amaral focam o nono capítulo refletindo sobre *“As casas de reza como comunidades de prática em territórios Avá-Guarani do Oeste do Paraná”*. Sinalizam que as casas de reza das comunidades Avá-Guarani têm se configurado como uma poderosa ferramenta de articulação interna pelas lutas que essas população enfrentam atualmente.

O décimo capítulo desta obra versa sobre *“O ensino da história e da cultura Avá-Guarani pelas escolas estaduais não indígenas no município de Guaíra-PR”*. Os autores Eloá Soares Dutra Kastelic e Wagner Roberto do Amaral refletem sobre a importância da Lei n. 11.645/2008 que obriga o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena em todos os estabelecimentos de ensino do país e analisam mais diretamente as concepções e práticas de duas escolas estaduais não indígenas que possuem estudantes Avá-Guarani nelas matriculados.

O décimo primeiro capítulo *“Um Avá-Guarani com uma câmera na mão”* de autoria de Mônica Panis Kaseker, Lucas Ribeiro e Yago Junio dos Santos Queiroz apresenta a narrativa da experiência de produção do vídeo documentário junto às lideranças Avá-Guarani nos diferentes *tekohas* onde se realizou a pesquisa. O trabalho de gravação e de autoria do texto foi vivenciado em conjunto com um estudante indígena do curso de jornalismo, evidenciando inúmeras potencialidades do uso do audiovisual para e pelas comunidades indígenas, articulando sentidos de identidade e fortalecendo a interculturalidade.

Os quatro capítulos finais deste livro apresentam as narrativas dos quatro estudantes Guarani bolsistas de iniciação científica do projeto. Oséias Poty Miri Florentino apresenta *“Um relato de um indígena Guaraní Mbya: conhecendo um fragmento da realidade e do contexto de luta dos Ava-Guaraní da região Oeste do Paraná”*; Rodrigo Luís, apresenta a *“História e trajetória de um acadêmico Avá-Guarani pesquisador em busca da visibilidade para seu povo, na luta pela demarcação e a universidade como ferramenta de luta”*; Alexandro da Silva apresenta *“As experiências de formação de pesquisadores Guarani – ser acadêmico Guarani-Ñandéva e Guarani-Mbyá conhecendo o universo Avá-Guarani da região Oeste do Paraná”*; e Uerique Aparecido Gabriel Matias apresenta *“Um relato de experiência: memórias*

e resistência dos Avá-Guarani do Oeste do Paraná como pesquisador Guarani Ñandéva". Quatro sujeitos Guarani pertencentes a três diferentes parcialidades - Guarani Mbya, Guarani-Ñandéva e Avá-Guarani – experimentando serem Guarani e, simultaneamente, serem pesquisadores do seu povo, articulados em torno da memória e das lutas das comunidades Avá-Guarani do Oeste do Paraná.

Por fim, este livro pretende se constituir em mais uma das demais referências já produzidas e as que ainda virão para fortalecer a memória de existência, re-existência e de resistência do povo Guarani! Desejamos que a leitura destes textos inspire ainda mais o nosso compromisso para com os povos indígenas do Brasil e da América Latina.

Novembro de 2019.

Wagner Roberto do Amaral
Elisa Yoshie Ichikawa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
TERRITORIALIDADES E RESISTÊNCIAS HISTÓRICAS: PANORAMA CONTINENTAL E ATUALIDADES DO POVO GUARANI	
Clovis Brighenti	
DOI 10.22533/at.ed.2291927111	
CAPÍTULO 2	14
OS GUARANI DA TRÍPLICE FRONTEIRA, BRASIL, PARAGUAI E ARGENTINA: OS DIREITOS ÀS TERRAS, À MOBILIDADE ESPACIAL POR ENTRE AS FRONTEIRAS E À CIDADANIA	
Maria Lucia Brant de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.2291927112	
CAPÍTULO 3	40
TEKOKHA JEVY: UM BREVE PANORAMA DAS RETOMADAS GUARANI NO OESTE DO PARANÁ	
Paulo Porto	
DOI 10.22533/at.ed.2291927113	
CAPÍTULO 4	56
TERRITORIALIDADE E DEMARCAÇÃO DE TERRAS: A DIMENSÃO SIMBÓLICA DO ESPAÇO PARA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS NA CULTURA AVÁ-GUARANI	
Luciano Mendes Carolina Ferraz dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.2291927114	
CAPÍTULO 5	70
ESTRATÉGIAS PSICOSSOCIAIS DE RESISTÊNCIA DAS LIDERANÇAS AVÁ-GUARANI SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA SOCIAL LATINO-AMERICANA (PCSLA)	
Juliane Sachser Angnes Maria de Fátima Quintal de Freitas Rozeli Aparecida Menon	
DOI 10.22533/at.ed.2291927115	
CAPÍTULO 6	84
RELATANDO UMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA E DE LUTA NO MOVIMENTO SOCIAL INDÍGENA, VIVENCIADA POR UMA ESTUDANTE INDÍGENA NA PÓS-GRADUAÇÃO	
Gilza Ferreira de Souza Felipe Pereira Wagner Roberto do Amaral	
DOI 10.22533/at.ed.2291927116	
CAPÍTULO 7	103
OS MAIS VELHOS E A JUVENTUDE AVÁ-GUARANI: A MEMÓRIA COMO ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA	
Cynthia Franceska Cardoso	

Wagner Roberto do Amaral

Elisa Yoshie Ichikawa

DOI 10.22533/at.ed.2291927117

CAPÍTULO 8 117

OS CONFLITOS PARA A RECONQUISTA E DEMARCAÇÃO DE TERRITÓRIOS AVÁ-GUARANI NO OESTE DO PARANÁ: A PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS PELA MÍDIA

Samuel Osório Ribeiro da Silva

Elisa Yoshie Ichikawa

DOI 10.22533/at.ed.2291927118

CAPÍTULO 9 128

O ENSINO DA HISTÓRIA E DA CULTURA AVÁ-GUARANI PELAS ESCOLAS ESTADUAIS NÃO INDÍGENAS NO MUNICÍPIO DE GUAÍRA-PR

Eloá Soares Dutra Kastelic

Wagner Roberto do Amaral

DOI 10.22533/at.ed.2291927119

CAPÍTULO 10 144

AS CASAS DE REZA COMO COMUNIDADES DE PRÁTICA EM TERRITÓRIOS AVÁ-GUARANI DO OESTE DO PARANÁ

Luis Fernando Moreira da Silva

Marcio Pascoal Cassandre

Wagner Roberto do Amaral

DOI 10.22533/at.ed.22919271110

CAPÍTULO 11 158

UM AVÁ-GUARANI COM UMA CÂMERA NA MÃO

Mônica Panis Kaseker

Lucas Ribeiro

Yago Junio dos Santos Queiroz

DOI 10.22533/at.ed.22919271111

CAPÍTULO 12 171

UM RELATO DE UM INDÍGENA GUARANÍ *MBYA*: CONHECENDO UM FRAGMENTO DA REALIDADE E DO CONTEXTO DE LUTA DOS AVA-GUARANÍ DA REGIÃO OESTE DO PARANÁ

Oséias Poty Miri Florentino

DOI 10.22533/at.ed.22919271112

CAPÍTULO 13 177

HISTÓRIA E TRAJETÓRIA DE UM ACADÊMICO AVÁ-GUARANI PESQUISADOR EM BUSCA DA VISIBILIDADE PARA SEU POVO, NA LUTA PELA DEMARCAÇÃO E A UNIVERSIDADE COMO FERRAMENTA DE LUTA

Rodrigo Luís

DOI 10.22533/at.ed.22919271113

CAPÍTULO 14	185
AS EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO DE PESQUISADORES GUARANI – SER ACADÊMICO GUARANI-ÑANDÉVA E GUARANI-MBYÁ CONHECENDO O UNIVERSO AVÁ-GUARANI DA REGIÃO OESTE DO PARANÁ	
Alexandro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.22919271114	
CAPÍTULO 15	189
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA: MEMÓRIAS E RESISTÊNCIA DOS AVÁ-GUARANI DO OESTE DO PARANÁ COMO PESQUISADOR GUARANI ÑANDÉVA	
Uerique Aparecido Gabriel Matias	
DOI 10.22533/at.ed.22919271115	
SOBRE OS ORGANIZADORES.....	192

RELATANDO UMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA E DE LUTA NO MOVIMENTO SOCIAL INDÍGENA, VIVENCIADA POR UMA ESTUDANTE INDÍGENA NA PÓS-GRADUAÇÃO

Data de aceite: 19/11/2019

Gilza Ferreira de Souza Felipe Pereira

Estudante Kaingang, Graduada em Serviço Social e Mestranda em Serviço Social na Universidade Estadual de Maringá. Foi bolsista de mestrado pela CAPES no projeto “Conflitos e Resistências para a Conquista e Demarcação de Terras Indígenas no Oeste do Paraná: os caminhos e as expressões do fortalecimento das lideranças e da cultura Guarani”.

Wagner Roberto do Amaral

Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Pós-Doutorado em Estudos Interculturais pela Universidad Veracruzana (México) e Pós-Doutorado em Políticas de Educação Superior para Povos Indígenas na América Latina pela Universidad NacionaI Tres de Febrero (Argentina). Estância pós-doutoral no Instituto de Migraciones da Universidad de Granada (Espanha). Professor do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Política Social da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e membro da Comissão Universidade para os Índios da UEL. Pesquisador colaborador do projeto “Conflitos e Resistências para a Conquista e Demarcação de Terras Indígenas no Oeste do Paraná: os caminhos e as expressões do fortalecimento das lideranças e da cultura Guarani”.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado da nossa pesquisa de mestrado em processo de desenvolvimento, cujo tema aborda o protagonismo das mulheres Avá-Guarani na região Oeste do Paraná. Trata-se da primeira pesquisa de mestrado desenvolvida por uma pesquisadora indígena no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Política Social da Universidade Estadual de Londrina.

Desse modo, apresentamos como problema central de nossa pesquisa: como se caracteriza o protagonismo das mulheres Avá-Guarani nas lutas e estratégias de resistência para seu povo? Tal questão se apresenta tendo em vista a percepção do relevante papel desenvolvido por mulheres desse grupo étnico, observado nos trabalhos de campo realizados na região, seja em momentos rituais nas Casas de Reza onde visitamos, seja nas frentes de mobilização e enfrentamento nos acampamentos e nas retomadas de seus territórios tradicionais.

Ressaltamos a importância de projetos de pesquisas desta natureza e que tenham como foco as demandas das comunidades indígenas, bem como possibilitem e incentivem o ingresso, a participação e a permanência de

acadêmicos indígenas em ações de iniciação científica na graduação e nos cursos de pós-graduação, sobretudo diante da atual conjuntura política e social de ataque flagrante aos direitos indígenas no Brasil.

Nesta lógica, ainda que sendo um trabalho conjunto entre um pesquisador não indígena e uma pesquisadora indígena, pedimos licença acadêmica para que, a partir deste ponto, esse texto possa ser escrito em primeira pessoa do singular para garantir visibilidade ao protagonismo da acadêmica Kaingang, autora principal destas reflexões. Tal protagonismo reflete a fundamental presença e a atuação investigadora de novos sujeitos que vem progressivamente ocupando o espaço acadêmico em diversas universidades no país e vem inaugurando novas formas de olhar, sentir e pensar as suas realidades indígenas.

Ao longo de séculos, nós indígenas que, na maioria das vezes, fomos e ainda somos os próprios “objetos” de pesquisa, aos poucos estamos nos tornando os pesquisadores-sujeitos da nossa própria história e de nossas realidades. Temos escrito a partir das nossas próprias vivências, relatando a nossa realidade por meio do nosso jeito de ser e de viver, de educar, de comunicar, de organizar, de pensar o mundo, de acreditar em forças superiores, no poder da natureza, na forma de relacionar, de amar, de lutar, etc. Desse modo, é possível que, daqui a algum tempo, observemos mudanças significativas nos diversos espaços em que nós, indígenas, começamos a atuar, possibilitando ainda mais a nossa participação não somente na execução das políticas públicas mas, sobretudo, na elaboração e também na sua gestão. Talvez, mais adiante, não nos reprimam nem nos queiram tutelar tanto quanto ainda sentimos e nos respeitem como povo que sabe o quer, o que já viveu historicamente e sabe onde quer estar.

Diante disso, apresento algumas reflexões a respeito do povo Guarani, já que sou Kaingang, não pertencço a essa etnia, sendo uma importante oportunidade em conhece-la e pesquisa-la. Nesse sentido, sempre é importante apresentar que, segundo o Censo Demográfico de 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Brasil 896 mil pessoas se autodeclararam como indígenas, sendo pertencentes a 305 povos distintos e falantes de 274 línguas diferentes. Destaco que os povos Kaingang e Guarani estão entre os cinco grupos étnicos com maior população indígena no país. Nesse aspecto, também nos encontramos etnicamente diferentes, mas com imensa resistência, assim como outros povos e comunidades indígenas com maior ou menor número de pessoas!

Almeida e Mura (2003) apontam que, no Brasil, o povo Guarani habita os Estados da região Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), da região Sudeste (nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo), principalmente em regiões de mata atlântica e faixas litorâneas, no entanto, podemos encontrá-los também no estado do Mato Grosso do Sul.

O Mapa Guarani Continental elaborado pelo Instituto Socioambiental (ISA)¹ no ano de 2016, indica que a população Guarani no continente se constitui de mais de 280.000 pessoas unidas por uma língua e cultura comuns, vivendo na Argentina, Bolívia, Brasil e Paraguai. No Brasil totalizam cerca de 85 mil pessoas e no Estado do Paraná, vivem aproximadamente 3.044 mil Guarani (BRASIL, 2010) que habitam em dez terras indígenas demarcadas². No entanto, estão em processo de reconhecimento, estudo e demarcação 22 *Tekoha*, sendo que 21³ se localizam na região Oeste do Paraná, ocupados pela população Avá-Guarani, sendo exatamente nesses *tekoha*, assim denominado por eles, que a nossa pesquisa se desenvolve. Para os Guarani, *tekoha* é a palavra usada por esse povo para nominar o ambiente onde suas relações sociais e costumes se desenvolvem.

Segundo Almeida e Mura (2003), *tekoha* seria o ambiente físico que engloba todo o espaço onde se localiza a comunidade, sendo a terra, o mato, o campo, as águas, os animais, as plantas, os remédios tradicionais, etc. O *tekoha* deve reunir condições físicas e estratégicas que possibilitem uma unidade político-religiosa e territorial. Importa também destacar que é nesse espaço, segundo eles, que acontece o *teko* “modo de ser” que possibilita todas as suas manifestações culturais e ancestrais. Para Almeida e Mura (2003, p. 267), os Guarani apresentam algumas características étnicas peculiares em relação ao seu modo de ser:

[...] o *ava ñe'ë* (*ava*: homem, pessoa Guarani; *ñe'ë*: palavra que se confunde com alma) ou fala, linguagem, que define identidade na comunicação verbal; O *tamõ'* (avô) ou ancestrais míticos comuns; O *ava reko* (*reko*: "ser, estado de vida, condição, estar, costume, lei, hábito") ou comportamento em sociedade, sustentado em arsenal mítico e ideológico.

Neste contexto, defendo e situo a importância de refletir acerca dos protagonismos das mulheres Avá-Guarani do Oeste do Paraná, território de constantes conflitos

1 O Mapa Guarani Continental 2016 é uma iniciativa parceira do Mapa Guarani Digital, produzida por equipes e colaboradores articulados entre si, contando com colaborações e apoio de vários pesquisadores e instituições. Para saber mais sobre essa iniciativa, buscar: <https://www.socioambiental.org/pt-br/mapas/mapa-guarani-continental-2016>

2 Dentre as terras indígenas demarcadas e habitadas por este povo no Paraná estão: Mangueirinha (municípios de Mangueirinha, Coronel Vivida e Chopinzinho), Rio das Cobras (município de Nova Laranjeiras), Ilha da Cotonga (município de Paranaguá), *Tekoha Añetete* e *Tekoha Itamarã* (município de Diamante D'Oeste), *Oco'y* (município de São Miguel do Iguçu), Barão de Antonina e São Jerônimo (município de São Jerônimo da Serra), Pinhalzinho (município de Tomazina) e Laranjinha (município de Santa Amélia) (ISA 2018).

3 Os números de *tekohas* são bastante dinâmicos, porque retomadas acontecem constantemente. Segundo dados de setembro de 2019 da Funai da região, são 24 *tekohas* no Oeste do Paraná. São eles: *Tekoha Karumbe'y*, *Tekoha Porã*, *Tekoha Marangatu*, *Tekoha Jevy*, *Tekoha Mirim*, *Tekoha Tatury*, *Tekoha Y'Hovy*, *Tekoha Guarani*, *Tekoha Araguaju*, *Tekoha Pohã Renda*, *Tekoha Nhemboete*, *Tekoha Yvyraty Porã*, *Tekoha Yvy Porã*, *Tekoha Tãjy Poty*, *Tekoha Itamarã*, *Tekoha Añetete*, *Tekoha Oco'y*, *Tekoha Pyahu*, *Tekoha Curva Guarani*, *Tekoha Mokoi Joegua* (Dois Irmãos); *Tekoha Araporã*; *Tekoha Vy'a Renda*, *Tekoha Aty Mirim* e *Tekoha Yva Renda*. Destes, somente *Itamarã*, *Añetete* e *Oco'y* são demarcadas [nota dos organizadores].

4 Existem também as grafias *xamõi* (avô) ou *xeramoí* (o mais velho, ancião).

decorrentes das lutas pela demarcação das terras indígenas. Pelas leituras e atividades de campo que realizei tenho observado que tais protagonismos se manifestam no cotidiano dessas mulheres para garantir a sobrevivência e subsistência do seu povo e de suas comunidades, além dos espaços e rituais de sua religiosidade tradicional e das manifestações públicas de luta pela terra, educação, saúde e outros direitos. Desta forma, essa pesquisa pode possibilitar visibilidade, respeito, e dignidade a elas nas suas mais diferentes realidades.

Percebo que são mulheres indígenas que estão ocupando os mais diversos espaços de protagonismos, dentro e fora dos seus *tekohas*. São mulheres com muita força espiritual, emocional e racional. São mulheres inteligentes, comunitárias e solidárias. Como mulher indígena, reconheço que elas são mulheres inspiradoras que nos impulsionam a lutar e a fazer o nosso tempo acontecer, contribuindo para a construção de uma sociedade melhor. Desse modo, penso que, certamente, a pesquisa vem contribuindo para o meu crescimento pessoal, acadêmico, profissional, mas, principalmente, pode contribuir para a afirmação e o fortalecimento dos povos indígenas, em especial do povo Avá-Guarani por se tratar especificamente da sua cultura, de suas lutas e de suas memórias.

Apresento neste trabalho minhas primeiras impressões, reflexões, compreensões e vivências enquanto mulher indígena e pesquisadora, desfrutadas em três momentos na experiência de campo que eu e toda a equipe do projeto de pesquisa, tivemos a possibilidade de vivenciar no período de Agosto a Novembro de 2018. Para tanto, este texto está estruturado da seguinte forma: além desta Introdução, relato os três momentos de atividade de campo em que participei enquanto pesquisadora, em conjunto com meu orientador também autor desse texto, apresentando alguns destaques com relação ao tema de minha pesquisa; na sequência, exponho aspectos acerca da organização das mulheres indígenas no Brasil na atualidade, na perspectiva de associar as experiências de resistências das mulheres Avá-Guarani ao conjunto das lutas indígenas desse segmento; relato ainda a experiência de campo que vivenciei no 15º. Acampamento Terra Livre (ATL)⁵ e no I Encontro Nacional das Mulheres Indígenas, ocorridos em Brasília no mês de abril de 2019, sendo uma das suas pautas a organização da I Marcha das Mulheres Indígenas no Brasil; concluimos esse texto com algumas reflexões finais.

5 Segundo relato de um dos criadores do Acampamento Terra Livre, *Kretã Kaingang*, “esse acampamento foi criado em 2004, após alguns líderes indígenas da região Sul se reunirem em Brasília para pedir a demarcação de seus territórios”. Depois disso, somaram-se a essas reivindicações outras de todas as regiões. O ATL acontece todos os anos no mês de abril, período em que se comemora nacionalmente o Dia do Índio.”

MINHA EXPERIÊNCIA ENQUANTO PESQUISADORA INDÍGENA

A primeira experiência de pesquisa de campo

Tendo como destino a Terra Indígena *Oco'y*⁶, viajei uma noite inteira na companhia da minha filha. Ela tinha apenas quatro meses de vida e por ela ser uma bebê de colo, não obtive a autorização da Universidade em que estou vinculada para viajar com o veículo oficial oferecido pela instituição. Desta forma, não tive a possibilidade de viajar junto com a equipe de pesquisadores, tendo que ir de ônibus e fazendo um trajeto de aproximadamente de 470 Km de Londrina a São Miguel do Iguaçu-PR, onde se desenvolveu a atividade. Mesmo assim, em nenhum momento isso foi algo que me fizesse desanimar dos estudos e da pesquisa.

Manifesto esta situação neste relato para que se evidencie as diversas formas de exclusão e de negação da condição das mulheres pesquisadoras que demandam estar junto de seus filhos pequenos, do direito de amamentá-los e, ao mesmo tempo, realizarem suas pesquisas. Esta é uma condição fundamental para as mães-mulheres indígenas. Observo que a universidade ainda tem um padrão protocolar e burocrático a ser seguido, em que, muitas vezes, mães com seus filhos pequenos não são contempladas dentro desse espaço, tendo que insistir muito para poder continuar estudando. Por outro lado, também encontrei pessoas que sempre estão dispostas a colaborar. No período em que cursei a graduação também exerci simultaneamente a maternidade com a vinda da minha primeira filha e, na ocasião, tive o privilégio de conhecer pessoas que sempre se dispuseram a me ajudar. No projeto de pesquisa não foi diferente, com certeza, a colaboração e o carinho de todos da equipe fizeram a diferença para que tivesse ainda mais força e vontade de continuar com os estudos.

Cheguei em São Miguel do Iguaçu, às sete da manhã. Como combinado, fui direto para o hotel, onde me esperavam alguns componentes da equipe de pesquisa. Ainda sem conhecer a todos, fiquei esperando o restante do pessoal chegar. Nesse período da manhã, já conseguimos ir para a Terra Indígena de *Oco'y*. A distância do centro da cidade até essa aldeia é de aproximadamente 15 km de distância. Chegamos lá, por volta das nove horas da manhã. Logo na entrada da comunidade, já fui vendo aspectos parecidos com a comunidade indígena onde eu morava: alguns homens carregando varas nas costas, algumas crianças brincando, desenhando na estrada, algumas mulheres fumando em frente às suas casas, outras varrendo o lugar que, de imediato, identifiquei que fosse a Casa de Reza, alguns jovens queimando as folhas juntadas pelas crianças. De início, já fui me familiarizando com o ambiente. Tanto foi que desci do carro e já identifiquei o Posto de Saúde e fui verificar se

6 A Terra Indígena *Oco'y* está localizada no município de São Miguel do Iguaçu. Sua população total é de 743 pessoas, segundo dados coletados na Unidade de Saúde Local, durante a referida pesquisa de campo.

eles faziam uma inalação na minha filha, que estava adoentada. Nesse primeiro momento, observei que na comunidade haviam casas com padrão e construídas pela COHAPAR⁷, com energia elétrica, água encanada, veículos oficiais da saúde, algumas estruturas físicas e comunitárias. A plantação que mais se destacava era a de mandioca, batata doce e abobrinha. O artesanato é muito cultivado entre eles, sendo fonte de renda, vendido em uma lojinha muito bem organizada e de muito bom gosto na própria comunidade.

Depois disso, ficamos aguardando o cacique chegar na escola para planejarmos com ele sobre a oficina que se realizaria no período da tarde⁸. A estrutura da escola estava bem bonita, bem colorida e com algumas pinturas nas paredes, um espaço grande, sendo coordenada por uma professora não indígena, mas contando com a atuação de uma pedagoga Avá-Guarani, inclusive, mestranda pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e de alguns professores indígenas. Assim que o cacique chegou, eu o reconheci, pois já o havia encontrado em alguns eventos do movimento indígena. Depois dessa aproximação e de resolver alguns detalhes, como por exemplo a alimentação, o lugar onde iríamos apresentar o projeto e fazer as atividades, retornamos para a cidade, onde combinamos de nos encontrar com toda a equipe.

No período da tarde retornamos para a terra indígena, dessa vez, com toda a equipe do projeto. O que foi acordado pela coordenação do projeto é que iríamos fazer uma apresentação da equipe e da proposta de trabalho para as lideranças, para os professores e para as crianças da escola que ali estavam presentes. Aos poucos, eu também entendia melhor o objetivo do projeto e da minha pesquisa, qual era meu lugar como pesquisadora e o que realmente eu tinha que desenvolver nesse trabalho. Só não estava mais nervosa por conta exatamente do ambiente e das pessoas que me cercavam naquele momento; o carinho e a ótima recepção da comunidade com toda equipe foi expressiva, por mais que tivessem uma certa desconfiança entre perguntas do tipo, “por que vocês querem falar da nossa história?”. A aproximação era recíproca; isso ficou claro, quando observei minha filha, passando de colo em colo, das crianças aos professores, por toda a sala, num gesto simples, de muito afeto e de característica específica do povo indígena. Nós, indígenas, desde muito cedo, temos responsabilidades com as crianças menores, é possível que seja nessa relação que se desenvolva esse afeto muito peculiar da criança indígena.

Depois de uma tarde inteira de trabalho, fomos convidados a ir para a Casa de Reza. Para o povo Guarani a Casa de Reza *Opy*, como eles denominam na sua língua, é onde acontecem os rituais religiosos ligados ao espírito da floresta,

7 Companhia de Habitação do Paraná.

8 Colegio Estadual *Teko Nemoingo*, segundo dados coletados na escola durante a pesquisa de campo em agosto de 2018, atualmente 350 estudantes são matriculados e atendidos nesta unidade, dos anos iniciais do ensino fundamental até o ensino médio.

Ñanderu. Este espaço também corrobora ao processo educativo e transmissão de conhecimentos ancestrais aos mais jovens com objetivo de afirmar e perpetuar os costumes e a cultura. Outro aspecto que importa destacar no povo Guarani é a sua forte ligação com a espiritualidade. Isso se evidenciou não só nessa ocasião, mas em todos os momentos vividos com eles. Foi na Casa de Reza que pude perceber o respeito e a sensibilidade do povo Guarani, como eles têm uma energia boa, uma fé inabalável e que a todo instante nos contagiava. Ficamos algumas horas na Casa de Reza, depois de ter aprendido a respeito do tempo, nos dedicamos ao “tempo Guarani”, sem querer nos atropelar e sem medo de deixar o tempo passar, só sentindo a energia do lugar e ouvindo os seus cânticos.

Foi nesse ambiente, com a presença de muitas pessoas da comunidade – homens, mulheres, crianças e os velhos – que foi possível observar as afetividades da família extensa. Segundo Melià (1993) a organização social, política e econômica dos Guarani é formada a partir da família extensa, ou seja, grupos macro-familiares que ocupam espaços dentro dos territórios Guarani que estão baseadas em relações de afinidade e consanguinidade. Conforme o autor, a família extensa é composta pelo casal, filhos, genros, netos, irmãos e constitui uma unidade de produção e consumo. O autor explica que cada família extensa tem uma liderança, em geral o avô (*Tamõi*) ou avó (*Jari⁹*), também se percebe nesse modo de vida que a figura dos velhos (*Tudja*) é de suma importância. Ainda, segundo Melià (1993), eles são os responsáveis por orientarem os mais novos nas questões religiosas e políticas da comunidade. Deste modo, foi possível perceber como os mais jovens tratam os mais velhos; é nítido o respeito, o cuidado e a admiração que todos demonstram sobre eles.

Na mesma oportunidade fomos para a *Tekoha Aty Mirin*, sendo uma retomada de terra tradicional Guarani localizada no município de Itaipulândia, aproximadamente 60 km de distância da Terra Indígena *Oco’y*, habitada naquela ocasião por 58 famílias Avá-Guarani. Fizemos uma visita rápida nesse *tekoha*, conhecemos a escola local que apresentava uma estrutura bastante conservada, sendo adaptada e ocupando uma construção realizada pelo governo estadual para os Jogos Mundiais da Natureza¹⁰. Todas as janelas e portas do prédio ficavam de frente para o lago de Itaipu. Também tinha um farol onde podíamos subir para apreciar o lugar, fazendo-nos perder na imensidade do rio. Realmente o lugar era lindo! Aparentemente tudo naquela comunidade estava funcionando, demandando apenas a sua demarcação formal pelo Estado, enquanto um território tradicional Guarani.

Na Terra Indígena *Oco’y* pude perceber a presença das mulheres em todos

9 *Xejary’i* também é o termo utilizado para falar da mais velha (anciã), assim como *chary’i* (avó).

10 Os Jogos se realizaram no período de 27 de setembro a 5 de outubro de 1997, reunindo 809 atletas de 55 países dos cinco continentes, utilizando um trecho ao longo dos 1,4 mil km da Costa Oeste, entre os dois polos principais – Foz do Iguaçu e Guaíra.

os ambientes, no posto de saúde, trabalhando como agente comunitária, auxiliar de dentista e auxiliar geral; na escola essa presença ficava ainda mais evidente, com atuação de diversas professoras Avá-Guarani, assim como pela inteligência e pela força da pedagoga, se refletia na construção de uma escola intercultural, bilingue e diferenciada, proposta pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena. Na Casa de Reza, todos os dias, elas estavam presentes, fazendo parte de todos os rituais. Os artesanatos também eram produzidos e confeccionados por elas e também na agricultura, ao redor de suas casas, elas eram responsáveis.

Esses primeiros dias foram finalizados com muito leveza, ainda que esse trabalho de pesquisa de campo componha parte do mestrado, tendo em vista sua densidade e exigência. Ainda assim, o lugar e as pessoas que me rodeavam naquele momento me fortaleceram e fizeram com que tudo ficasse mais fácil e tranquilo.

A segunda experiência de pesquisa de campo

Retornamos para o nosso segundo encontro, desta vez, levei novamente minha filha em um carro de um dos professores que compõe a equipe. Quando chegamos no hotel em Santa Helena-PR, já estava noite. Logo na entrada do hotel fomos informados por uma professora que organizava a logística da equipe, sobre as dificuldades em reservar vagas nos hotéis da cidade, pelo simples fato de que parte da equipe era de indígenas. Era explícita por toda cidade a negação por parte dos não indígenas com relação aos indígenas. Havia adesivos com o lema “Confisco da Funai, contra a demarcação”, nas lojas, restaurantes, mercados, posto de gasolina e até na camionete do dono do hotel onde estávamos hospedados.

Foi no café da manhã do dia seguinte, em meios aos cumprimentos, que conseguimos reunir toda a equipe. Depois disso, fomos para a Terra Indígena *Tekoha Itamarã*¹¹, localizada mais ou menos uns 50 km de distância da cidade. No trajeto para a aldeia, a paisagem se modificava, da grandeza das plantações de soja, a pasto cheios de cabeças de gado. Do alto da montanha conseguíamos avistar o *tekoha*, onde também era de lá que se via uma floresta verde ao redor da comunidade. Assim que desembarcamos, o cacique e as lideranças vieram ao nosso encontro. Fomos direto para a Casa de Reza e, outra vez, eles deixam claro a importância daquele lugar. A Casa de Reza também chamava atenção, um lugar grande, feita de paus roliços e coberta com telhas.

Foi ali mesmo que nos apresentamos e expusemos o nosso trabalho coletivo e individual. Esse momento foi bastante rico pois ali estavam presentes lideranças emblemáticas da região Oeste do Paraná, com bagagens de uma vida inteira de

11 A referida terra indígena está localizada no município de Diamante d'Oeste, sendo que sua população aproximada é de 183 pessoas. Conta com energia elétrica e água encanada segundo dados coletados com o cacique nesse trabalho de campo.

luta e de representatividade. Em cada fala eu conseguia me enxergar cada vez mais como indígena, por compartilhar das suas narrativas de vida no cotidiano da aldeia, pelas dificuldades enfrentadas por nós pesquisadoras nesse trabalho e por entender todo processo.

Depois de algum tempo de conversa, fomos para a escola local¹², um lugar agradável, com aspecto bom e bonito, sendo recebidos de forma muito afetuosa pelo diretor da escola. Havia grafismos nas paredes, um na entrada do colégio com uma frase muito significativa que dizia: “*Oity nhande rakã, oapy nhande rapyta, ndoipe'ai nhande rapo, Ñanderu rexay ombo hoky jey hogue*”, sendo traduzida¹³ para a língua portuguesa: “Cortaram nossos galhos, queimaram nosso tronco, mas não tiraram nossa raiz e a lágrima do nosso Deus que fez brotar nova árvore”.

Essa frase era refletida diretamente nas falas das lideranças e dos membros da comunidade; nelas ficam visível o quando tinha sido árduo a luta até aquele momento, o quão forte teve que ser para poder usufruir de direitos fundamentais básicos, como por exemplo: a educação, a saúde, a terra demarcada, a alimentação, a moradia, a água e tantos outros. A presença da liderança na fala dos Avá-Guarani impressiona pelo grau de conhecimento. Ao refletir sobre os sábios do povo Baniwa, Luciano (2006, p. 65) expõe que os saberes ancestrais são passados por meio da oralidade, transmitidos de geração em geração, sendo esse um dos ensinamentos fundamentais para a formação do caráter e do comportamento dos indígenas:

As lideranças tradicionais têm o papel de representar, coordenar, articular e defender os interesses dos sibs, dos clãs, das fraternas e do povo como uma responsabilidade herdada dos pais a partir das dinâmicas sociais vigentes [...]. O posto de cacique é geralmente herdado de pai para filho entre os pertencentes a clãs ou a linhagens superiores, ou de uma combinação entre estes e seus afins, ou aliados políticos ou econômicos. Os conselheiros e os auxiliares do cacique também devem ocupar um lugar na lógica da estrutura social do grupo. Tal estrutura segue uma orientação cosmológica constituída desde a criação do mundo, expressa nos mitos de origem e reproduzida e revivida por meio dos ritos e cerimônias.

Nesse segundo encontro, nos comprometemos em apresentar e socializar os projetos de pesquisa para toda a equipe, sendo um momento bem importante pois nessa apresentação foi possível compartilhar um pouco mais sobre as atividades acadêmicas que todos vêm desenvolvendo e que o projeto exige. Socializar as nossas principais dúvidas, avanços e tentar delimitar o projeto foi um dos trabalhos feitos nesse *tekoha*. Paralelamente a essa atividade, acontecia a oficina de memórias de resistência Avá-Guarani, contando com a participação de professores, lideranças, velhos e jovens da comunidade.

12 Colégio Estadual Indígena *Araju Porã*, atende cerca de 33 crianças das series iniciais ao Ensino Fundamental.

13 Essa frase foi traduzida pelo acadêmico Avá-Guarani do curso de Medicina da Universidade Estadual de Londrina e também integrante do projeto de pesquisa.

Visitamos ainda a Terra indígena *Tekoha Añetete*¹⁴, localizada uns 5 km adentro do *tekoha* que estávamos. Conhecemos a escola indígena¹⁵ e, conforme combinado, o cacique já nos esperava à sombra de um enorme barracão. O sol estava muito forte, mas o dia era lindo, a visita foi rápida. Depois de realizar todo o processo de apresentação e exposição do projeto, e de ter feito algumas entrevistas, fui na companhia dos indígenas integrantes do projeto, algumas crianças da comunidade e a minha filha, em um riozinho que passava no meio da aldeia. O lugar era distante, só se via um pasto, mas a sensação, era a mesma de estar na minha comunidade.

Fizemos ainda algumas visitas breves em alguns acampamentos Avá-Guarani no espaço urbano e no entorno da cidade de Santa Helena; neles, a realidade se mostrou outra. Observei que não tinham água potável, energia elétrica e as condições de moradia eram muito precárias, segundo alguns breves relatos, diversas vezes falta o essencial, o alimento. Apresentava-se nestes e noutros acampamentos que conhecemos, a intensa resistência da população Avá-Guarani na região.

Observei que era visível a representatividade das mulheres nesses *tekohas*. Logo na chegada à terra indígena Itamarã, elas estavam presentes no comando do coral da Casa de Reza, a sua espiritualidade é marcada pelo respeito de toda a comunidade. Trabalhavam também na escola e no posto de saúde. Elas organizaram o espaço escolhido onde iríamos fazer as oficinas, organizaram a comida oferecida para a nossa equipe e nos proporcionaram dias de muito aprendizado e reflexão.

Nessa viagem pude observar realidades adversas. A força da liderança para conduzir sua comunidade é realizada por meio de várias estratégias, prevalecendo as alianças entre as comunidades uma vez que as lutas e as vitórias do cotidiano são de todos e de todas.

A terceira experiência de pesquisa de campo

A nossa terceira e última viagem ocorreu no mês de novembro de 2019. Dessa vez, decido por terminar de amamentar a minha filha e não a levo comigo. Assim, pude ir com o transporte da universidade, junto com os colegas de equipe, tendo como destino o município de Guaíra-PR. Ao chegar na cidade percebemos a existência de um clima de tensão pela equipe, considerando as ameaças constantes que sofrem as lideranças e comunidades Avá-Guarani no município e na região por lideranças políticas, fazendeiros e outras autoridades locais que não querem a presença indígena. Percebemos novamente e com mais intensidade os adesivos

14 Localizada no município de Diamante d'Oeste, a comunidade possui cerca de 280 pessoas Avá-Guarani. Naquele espaço pude perceber a existência de casas com padrão Guarani construídas pela Companhia de Habitação do Paraná (COHAPAR), energia elétrica, água encanada, plantio de mandioca e milho. Dispõe de alguns maquinários de trabalho, como por exemplo, trator e roçadeira.

15 O Colégio Estadual Indígena *Kuaa Mbo*, atende cerca de 133 crianças da educação infantil ao ensino fundamental, segundo dados coletados com o diretor e, dentre os colégios visitados pelo nosso projeto, esse foi o único que constatamos que tinha uma quadra de esportes coberta.

contrários à Funai e aos territórios indígenas nos veículos e no comércio local, na tentativa de intimidar a população indígena.

O nosso primeiro dia de trabalho começou no *Tekoha Jevy*, chegamos cedo como de costume. Ao desembarcar, nos deparamos com toda a comunidade nos esperando na Casa de Reza. Eles tinham organizado praticamente tudo, o café da manhã, o lugar onde aconteceriam as oficinas, as principais pessoas que poderiam nos dar entrevistas e até o almoço. Fiquei impressionada com tamanha organização. Trabalhamos o dia inteiro, fizemos várias entrevistas, ouvi histórias incríveis e conheci pessoas mais que especiais.

No dia seguinte, visitamos o *Tekoha Marangatú*¹⁶ onde realizamos os trabalhos de oficinas e entrevistas na escola, e também foi ali que foram feitos os rituais Avá-Guarani.

No último dia de trabalho fizemos visitas rápidas em alguns acampamentos Avá-Guarani que se localizam em Guaíra, dentre eles: *Tekoha Mirin*, *Tekoha Taturi* e *Tekoha Porã*. O objetivo dessas visitas foi de entrevistar caciques, professores, lideranças velhas e mulheres que fazem frente a esse movimento de luta pela retomada dos territórios Avá-Guarani. A região que os cercam é caracterizada pelo agronegócio.

As mulheres se sobressaem na luta do dia a dia, perante a escassez de políticas públicas essenciais para sobrevivência. Assim como em todas as outras terras indígenas demarcadas e de retomada as quais visitamos, percebi que elas estão atuando e sendo respeitadas em todos os espaços.

Foi possível observar que as condições de vidas dos Avá-Guarani no município de Guaíra são extremamente precárias. As dificuldades se evidenciam em meio ao preconceito e à discriminação vivenciados por eles no dia a dia, alicerçados em diversos discursos de uma suposta “superioridade racial” pela população não indígena da cidade, orientada pelos interesses dos fazendeiros da região. É importante salientar a necessidade de desconstruir esses preconceitos e entender que as comunidades indígenas são profundamente ricas culturalmente, precisando ser respeitada e entendidas com suas peculiaridades, tendo em vista a diversidade cultural e histórica desses grupos tradicionais.

Uma análise sobre como as mulheres indígenas vem se organizando enquanto estratégia e fortalecimento de seu povo

No Brasil, de acordo com Matos (2012), desde a década de 1970, se inicia uma intensa mobilização política pelos povos indígenas para o reconhecimento à diferença, à demarcação de seus territórios tradicionais e aos direitos sociais

16 Está localizada no município de Guaíra, bem próximo da cidade e tem cerca 72 famílias.

pelo Estado Nacional. O movimento social indígena organizado ganha visibilidade nacional. Conforme Matos (2012, p.140-141):

Em sua fase de consolidação no final dos anos 1980, o movimento indígena se institucionalizou e foram criadas diversas organizações étnicas, articuladas localmente e regionalmente. Nos anos 1990, com mudanças de orientação na política indigenista do Estado brasileiro, inúmeras organizações indígenas locais e regionais foram surgindo, com distintos perfis (associações de categorias sociais e econômicas, organizações étnicas e também pluriétnicas, de caráter político ou de caráter econômico), interessadas em atuar na elaboração e gestão de projetos nas respectivas terras indígenas.

O movimento social indígena se constitui enquanto “um esforço conjunto e articulado de lideranças, povos e organizações indígenas objetivando uma agenda comum de luta, como é a agenda pela terra, pela saúde, pela educação e por outros direitos (LUCIANO, 2006, p.59).

Neste sentido, o movimento indígena possui como principal bandeira de luta a demarcação dos territórios indígenas, a emancipação política e econômica de suas comunidades, evidenciando e fortalecendo a luta por sua autodeterminação e por projetos coletivos de autogestão territorial.

Foi esse movimento indígena articulado, apoiado por seus aliados, que conseguiu convencer a sociedade brasileira e o Congresso Nacional Constituinte a aprovar, em 1988, os avançados direitos indígenas na atual Constituição Federal. Foi esse mesmo movimento indígena que lutou para que os direitos à terra fossem respeitados e garantidos, tendo logrado importantes avanços nos processos de demarcação e regularização das terras indígenas. Foi também esse movimento que lutou – e continua lutando – para que a política educacional oferecida aos povos indígenas fosse radicalmente mudada quanto aos seus princípios filosóficos, pedagógicos, políticos e metodológicos, resultando na chamada educação escolar indígena diferenciada, que permite a cada povo indígena definir e exercitar, no âmbito de sua escola, os processos próprios e ensino-aprendizagem e produção e reprodução dos conhecimentos tradicionais e científicos de interesse coletivo do povo (LUCIANO, 2006, p.60).

A articulação dos povos indígenas, através do movimento indígena, torna-se então uma nova estratégia que articula as lutas indígenas em nível nacional, unificando bandeiras e mobilizações dos diferentes grupos étnicos.

É consensual na literatura encontrada acerca desse assunto que a participação das mulheres indígenas não é algo contemporâneo, essa participação se inicia no contexto de reivindicação sócio-político. É o que afirma Matos (2012, p.148):

Nos primeiros momentos de articulação do movimento indígena, as mulheres acompanhavam os homens (seus pais, maridos ou filhos) em encontros e assembleias, mas sem muito se exporem publicamente na condução das discussões e deliberações coletivas. Na grande maioria das vezes, o espaço público das plenárias era ocupado por falas masculinas, com os homens assumindo para si o papel de líderes e dirigentes do movimento indígena. As mulheres, por sua vez, desempenhavam nessas reuniões ampliadas o papel de articulação na esfera

doméstica, participando de conversas paralelas e, aparentemente, secundárias às atividades discursivas masculinas.

A partir disso, observamos que a participação, mesmo que indireta, proporcionou a elas diferentes contatos por meio da circulação nestes ambientes de debates e encontros políticos do movimento, a vivência e a troca de experiências entre os diversos povos indígenas presentes nestes espaços, ampliando suas perspectivas sociais e políticas de participação tanto na aldeia como no campo da tuta indígena. Ainda segundo Matos (2012, p. 141), as mulheres indígenas se colocam no movimento em sua fase inicial de modo a

[...] complementar a luta dos líderes masculinos. No processo histórico de afirmação etnopolítica de agentes indígenas em esferas públicas da sociedade e do Estado brasileiros, lideranças femininas passaram a articular uma agenda coletiva de reivindicações específicas.

Buscam, desse modo, sua inserção nos processos de políticas específicas indígenas para fortalecer seu protagonismo e suas relações interétnicas. Por outro lado, importa também ressaltar que, dentro do movimento indígena brasileiro, conforme *Nayra Tukano* (2018, p.2), não há uma separação entre quem tem mais poder em relação a mulheres *xamãs*, mulheres que trabalham nas roças ou aquelas que assumem um cargo, a exemplo de algumas cacicas, na aldeia. A autora explica que “geralmente, essas mulheres recebem tratamentos diferentes por terem uma função específica e mais responsabilidades nas atividades que exercem. Não é hierarquizado o poder” (TUKANO, 2018, p.2).

Ainda para a autora, mesmo exercendo papéis domésticos, as mulheres indígenas possuem autonomia para transitar por todos os espaços de luta,

Elas têm voz para dizer sobre as necessidades e demandas delas nas comunidades. Elas são reconhecidas como mulheres de luta, independentemente dos espaços onde estão inseridas. São admitidas como lideranças não apenas por assumirem um cargo importante. Elas são importantes em quaisquer papéis ou espaços em que atuam (TUKANO, 2018, p.2).

Nayra Tukano (2018) acrescenta que a participação das mulheres indígenas ocorre por meio das decisões da cotidianidade nas comunidades, direta ou indiretamente, por haver estratégias e participações delas em qualquer decisão. Para exemplificar essa questão, a autora cita o relato de um professor Guarani *Mbya* que participou de uma roda de conversa na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), realizada no ano de 2012. Relata o professor:

Quando vou para uma reunião, primeiro ouço as mulheres que me rodeiam para levar as falas delas. Portanto, meu corpo é meu, mas minha cabeça é delas, dessas mulheres que estão à minha volta. Por isso, eu digo que mesmo que elas não

estejam presentes nas reuniões, elas estão presentes por meio da representação do marido, do irmão, do pai, de outra mulher ou de familiares (TUKANO, 2018, p.2).

Nesse sentido, a autora ressalta ainda que as mulheres indígenas se apresentam como lideranças em suas aldeias tais como mães, cozinheiras, parteiras, rezadeiras e são de suma importância como qualquer outra mulher que esteja na luta em outros espaços como na universidade, em partidos políticos, em associações, dentre outros, protagonizando e fortalecendo o movimento das mulheres indígenas, como mulheres de luta e de lideranças. Tendo essas características a autora observa que estas mulheres:

são fundamentais para a luta de seus povos, não importa os espaços que elas ocupam nas comunidades. Elas são reconhecidas como mulheres *kunhangue py'a guasu* (corajosas), mulheres de luta pelas suas terras, pelo bem-estar das comunidades e pelo fortalecimento de suas identidades. As diferentes etnias brasileiras estão nessas lutas, de modo geral. Além de se verem divididas entre tantos afazeres e responsabilidades, elas enfrentam o desafio da invisibilidade e buscam forças em outras mulheres indígenas e não indígenas (TUKANO, 2018, p.3).

É cada vez mais comum a presença de mulheres indígenas nas universidades e nos movimentos sociais indígenas, muitas destas desempenham a função de lideranças indígenas sendo mediadoras entre seus povos e comunidades e a sociedade envolvente.

Constate-se o crescente avanço das mulheres na educação superior. Cumpre destacar o importante espaço que a universidade pode exercer para o despertar de uma consciência crítica, tendo ainda o potencial de ampliar os horizontes e estratégias de lutas dos povos indígenas, sendo a mulher uma das protagonistas neste processo. Segundo Gersen Luciano (2006. p. 67), do povo Baniwa: “a resistência que fora por muito tempo travado com o uso de armas, começou a se dar na arena política. Os índios costumam dizer: da luta pelas armas à luta pelo papel e caneta”.

Amaral (2010), ao refletir sobre as trajetórias dos acadêmicos indígenas nas Universidades Estaduais do Paraná e levantar as novas e novos intelectuais indígenas no Brasil, aponta o depoimento de Darlene Taukane, do povo Bakairi, sendo esta a primeira indígena a receber no Brasil o título de Mestre em Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso¹⁷. Ao relatar sua trajetória como estudante universitária, Darlene Taukane afirma:

A minha experiência ao longo de anos em que estive estudando numa universidade particular foi muito valiosa para mim. Ela foi marcada por muitas lutas, por resistências e pelo compromisso que firmei comigo mesma de estudar todas as noites depois de uma jornada de trabalho para vencer o preconceito de que o índio

17 Segundo Amaral (2010), Darlene Taukane formou-se em nível de graduação no curso de Letras da Universidade de Cuiabá, uma instituição de ensino superior privada. Defendeu sua Dissertação de Mestrado com o tema “Educação Escolar entre os Kurê-Bakairi” em 1996, pelo Programa de Pós-

é incapaz intelectualmente. Nesse ambiente universitário, pude compartilhar com os meus colegas a minha cultura, transformando a dança, os cantos indígenas, na linguagem do teatro. Valeu a pena, tenho ótima lembrança da minha vida de universidade. Nessa minha longa caminhada de estudante, posso dizer que muita água passou por cima e por baixo da ponte, mas hoje tenho a oportunidade de dizer que sou generosa comigo mesma. Sempre cuido e tenho o maior zelo da minha própria pessoa enquanto mulher indígena, porque sempre soube e sei que não estou sozinha nesta estrada, pois sobretudo represento uma sociedade na minha pessoa. Por tudo isso, sempre encontrarei coragem para desafiar as minhas próprias limitações (TAUKANE, 1998, p.129).

O reconhecimento de mulheres indígenas enquanto lideranças pode ocorrer tanto em suas comunidades como nas universidades onde frequentam, ainda que, por vezes, a liderança exercida seja entendida como algo transitório. Entretanto, o fato de estar em uma universidade, não faz desta acadêmica uma liderança indígena, pelo contrário, a universidade se constitui em um ambiente contraditório, sendo que a própria estrutura e dinâmica universitária pode afastar esta indígena do seu reconhecimento enquanto pertencente a uma classe historicamente subalternizada, para tanto, torna-se fundamental o engajamento, o comprometimento e a afirmação do pertencimento desta mulher nas lutas indígenas.

A universidade se apresenta como um novo espaço de luta para muitas mulheres indígenas que, neste contexto, se apresentam como acadêmicas, intelectuais e pesquisadoras de seus povos e de suas comunidades, construindo e reinventando seu duplo pertencimento – acadêmico e étnico-comunitário, conforme refletem Amaral (2010; 2016) e Amaral, Rodrigues e Bilar (2017).

Acampamento Terra Livre – 2019 e o I Encontro Nacional das Mulheres Indígenas

A viagem para o Acampamento Terra Livre (ATL) realizado em Brasília-DF em abril de 2019, só foi possível mediante muitos esforços e articulações das lideranças das comunidades indígenas do Norte do Paraná e Sul de São Paulo envolvidas, a saber das terras indígenas de Laranjinha, *Yvy Porã*, Pinhalzinho e Barãozinho e do apoio financeiro da ARPIN-SUL¹⁸.

No ano de 2019, o Acampamento Terra Livre, teve a participação de aproximadamente quatro mil indígenas representando mais de 150 povos, trazendo como principais assuntos a ser debatidos: a volta da Funai para o Ministério da Justiça¹⁹, a demarcação dos territórios indígenas, a luta contra a municipalização da saúde indígena e o Encontro Nacional das Mulheres Indígenas.

-Graduação em Educação da Universidade Federal do Mato Grosso.

18 Articulação dos Povos Indígenas da Região Sul. Segundo o atual coordenador desta organização, Marciano Rodrigues, pertencente ao povo Guarani da Terra Indígena *Yvy Porã*, essa organização foi criada em 2006 pelos próprios indígenas e tem como um dos principais objetivos fazer e promover meios que possibilitam diálogo entre todas as esferas do governo e a população indígena.

19 No primeiro dia de governo Bolsonaro, ele assinou a Medida Provisória MP n. 870/19, que

Devido ao contexto político marcados pela ausência de investimentos do setor público para subsidiar as pautas indígenas e o ofensivo desrespeito do governo federal, observei diversas dificuldades das lideranças indígenas para angariar recursos financeiros para o transporte e a alimentação dos participantes que saíram de suas casas com destino à cidade de Brasília, tendo uma só pauta: os direitos indígenas respeitados!

Com isso, percebi que, apesar do atual contexto político não ser favorável às nossas lutas, nós indígenas de todo o país estamos cada vez mais comprometidos e comprometidas em defender o nosso povo, nossos territórios, nossas culturas, nossas crenças, nossa história por meio da nossa resistência.

Enquanto movimento social, nós indígenas nos fortalecemos, nos organizamos e nos mobilizamos frente aos retrocessos e ataques constantes do governo federal diante dos direitos indígenas. Observei isso em uma atitude política muito tensa que aconteceu depois que o Ministro da Justiça convocou mais de três mil policiais para fazer a segurança em torno da Esplanada dos Ministérios, lugar onde, desde 2004, tradicionalmente acontece o Acampamento Terra Livre, não permitindo que nesse ano o evento fosse realizado nesse local. O governo federal já tinha uma alternativa de lugar para o acampamento, localizado cerca de dez quilômetros dali, no entanto, depois de uma longa negociação entre os indígenas, os policiais e agentes do governo federal, retiramos nossas barracas e seguimos somente um quilometro adiante, em frente à Praça do Teatro Nacional. Naquele momento, percebi como o movimento indígena estava organizado, como tínhamos força e sabíamos negociar.

Essa organização do movimento indígena se concretizou nos quatro dias de trabalho no Acampamento Terra Livre. Conseguimos audiências na Câmara dos Deputados e no Senado, com o representantes do Ministério da Agricultura e do Ministério da Saúde; importa ressaltar que tais audiências só aconteceram por meio da mediação de Joênia Wapichana, nossa primeira mulher indígena eleita deputada federal no Brasil²⁰. Contamos ainda com a presença de vários políticos importantes e de diversos partidos políticos que apoiam nossas pautas nas discussões governamentais.

Alguns artistas que contribuíram para que o evento pudesse ter acontecido também se fizeram presentes no palco de discussões do Acampamento. Além disso, os próprios líderes indígenas puderam reforçar e enfatizar a importância desse tipo de evento na pauta do país, para buscar construir uma sociedade mais respeitosa, digna, tolerante e de união entre os diversos povos indígenas que compõe o Estado brasileiro.

realoca a Funai do Ministério da Justiça para o Ministério da Agricultura.

20 Primeira mulher indígena a se formar no curso de Direito no Brasil, pela Universidade Federal de Roraima (UFRR), também mestre pela Universidade do Arizona, nos Estados Unidos, e ainda eleita a primeira mulher indígena Deputada Federal, tendo mais de 8.400 votos.

Dentre esses e essas líderes, destacou-se a presença da Sônia Guajajara²¹, representante da luta indígena em nosso país. A clareza em suas falas demonstrou o seu engajamento e o seu entendimento nos aspectos políticos, econômicos, culturais e sociais da realidade brasileira. Fortalece ainda mais as mulheres indígenas que lutam no chão e no cotidiano de suas comunidades, para afirmação e resistência dos povos indígenas no país. Encoraja muitas outras à começarem ou a continuarem no fortalecimento de suas raízes.

A força da mulher indígena nesse evento me impressionou; nesse ano, éramos maioria no Acampamento talvez devido à organização do encontro nacional das mulheres indígenas. Esse momento histórico, para mim, ficará guardado com a lembrança da coragem e da organização, principalmente das mulheres e dos jovens indígenas. Desde o primeiro até o último dia, observei que, em todas as decisões acordadas pelas lideranças masculinas, as mulheres participavam dando opiniões e intermediando em todos os espaços.

O I Encontro Nacional das Mulheres Indígenas aconteceu exatamente por essa organização, segundo relatos das próprias mulheres ao afirmarem que há anos estavam reivindicando o nosso espaço de fala e de decisões. Tive o privilégio de conhecer várias dessas mulheres, muitas delas acadêmicas assim como eu, sendo possível trocar diversas experiências.

Nesse encontro foram debatidos diversos assuntos relacionados às mulheres indígenas, tais como o respeito à cultura, à saúde da mulher indígena, à demarcação dos territórios, à presença da mãe indígena nas universidades, à representação da mulher indígena na política nacional, dentre outros. Também foi definido que nos dias 09 à 13 de agosto de 2019, aconteceria a I Marcha da Mulheres Indígenas no Brasil, com o tema “Território, nosso corpo, nosso espírito”, com o desafio de mobilizar aproximadamente 1.300 mulheres indígenas, representantes de todos os Estados brasileiro e do Distrito Federal.

Os quatro dias de acampamento foram para mim, uma experiência incrível e motivadora. Diante de tantas dificuldades, esses dias ficaram marcados pela diversidade étnico-cultural, pelo respeito, pelos vínculos de parentescos e, principalmente, pela união em prol da luta pela resistência e existência de mais de 305 povos indígenas do Brasil.

REFLEXÕES FINAIS

O ingresso e a permanência de indígenas nas universidades vem alterando

21 Pertence ao povo Guajajara da Terra Indígena Arariboia-MA, formada em Letras e Enfermagem, especialista em Educação Especial pela Universidade Estadual do Maranhão, no ano de 2015, recebeu do Ministério da Cultura a Ordem do Mérito Cultural, em 2017, concorreu a vice-presidenta da República do Brasil pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL).

a vida cotidiana dos povos indígenas e, conseqüentemente, a realidade das suas comunidades. Nas duas últimas décadas têm sido possível observar os impactos ocorridos após a inserção de indígenas na educação superior, principalmente, em universidades públicas. Com isso, aumentou o número de profissionais indígenas atuando dentro das suas comunidades de pertencimento, algo significativo para as populações indígenas, nunca ocorrido ao longo dos mais de 500 anos de história brasileira, não sendo prioridade e nem abordado nas agendas das políticas públicas.

Tal realidade é reflexo das mudanças ocorridas após a criação de políticas sociais públicas voltadas aos povos indígenas desde o ano de 2003, destacando-se, neste processo, a publicação de leis e decretos específicos para povos tradicionais e indígenas, dentre elas a instituição do sistema de cotas sociais e raciais, sendo uma reparação social diante da dívida histórica do Brasil para com as populações indígenas e negras, viabilizando seu ingresso e permanência em diferentes cursos de graduação e de pós-graduação no país.

A oportunidade de vivenciarmos a experiência da pesquisa de campo, como uma pesquisadora sujeita desse contexto mediada pelo seu orientador-pesquisador, demonstra que, cada vez mais, podemos e estamos chegando em lugares e espaços nunca historicamente alcançados pelos povos indígenas.

Nesse sentido, o nosso encontro com a população Avá-Guarani na região Oeste do Paraná, por meio das atividades de pesquisa de campo realizadas, foi fundamental para compreendermos suas realidades e suas estratégias de resistência, em permanente diálogo com professores/as, lideranças e sábios desse povo. Essas atividades têm provocado a reafirmação de nosso compromisso enquanto pesquisadores com a luta histórica deste povo.

Essa experiência de pesquisa nos provocou ainda a perceber a importância de pesquisar e (re)escrever a história a partir das realidades indígenas; estamos no começo de um novo momento para as populações indígenas e para a história do Brasil pois nunca antes encontramos tantos indígenas nos cursos de graduação e nos programas de pós-graduação. Ainda que seja um processo longo e de aprendizado de ambas as partes, no ambiente da universidade, começamos a nos tornar visíveis adquirindo o respeito como indígenas que somos.

Nesse sentido, evidenciamos cada vez mais o fundamental envolvimento, diálogo e adesão efetiva das instituições de ensino superior, das organizações indígenas e da sociedade nesse contexto de formação de pesquisadores indígenas; da importância de se abrirem para essa realidade e de reconhecerem a necessidade do financiamento público para a ampliação de projetos de pesquisa e extensão que contemplem a presença e a participação dos estudantes indígenas desde a iniciação científica até o doutorado e o pós-doutorado. Isso implicará diretamente na (re)construção da história brasileira que passa a ser contada não aos olhos

daqueles que nos colonizaram mas sim, pelos próprios indígenas em parceria com companheiros/as não indígenas, sendo os primeiros os protagonistas diretos e verdadeiros guardiões, construtores e contadores das memórias de resistência nesse país.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rubem Ferreira Thomaz de; MURA Fábio. **Guarani Kaiowa e Nãndeva**. Outubro/2003. Disponível em: www.socioambiental.org. Acesso julho de 2013.

AMARAL, Wagner R. **As trajetórias dos estudantes indígenas nas Universidades Estaduais do Paraná: sujeitos e pertencimentos**. 2010, Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

_____. Indígenas nas universidades estaduais do Paraná: sujeitos, trajetórias e pertencimentos. In: AMARAL, W.R. ; FRAGA, L.; RODRIGUES, I. C. (org). **Universidade para indígenas: a experiência do Paraná**. Rio de Janeiro: FLACSO, GEA; UERJ, LPP, 2016.

AMARAL, Wagner R., RODRIGUES, Michele A., BILAR, Jenifer A. B. Os Circuitos de Trabalho Indígena: Possibilidades e desafios para acadêmicos e profissionais Kaingang na gestão das políticas públicas. **Revista Mediações**, v. 19, n.2, Londrina, 2014, p. 129-145. Disponível em: < <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/issue/view/1065> > Acesso em 30 Set. 2017.

BRASIL, **Lei Estadual nº 13.134/2001**, Janeiro/2019 <www.seti.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=36> acesso em junho/2019.

BRASIL. IBGE. **Censo Demográfico Nacional**. Disponível em: < http://www.ibge.gov.br/indigenas/indigena_censo2010.pdf >. Acesso em 20 nov. 2015.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL – ISA. **Povos Indígenas no Brasil**. Disponível em: < <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani> > Acesso em 12 de jul.2019.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil hoje**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/ Museu Nacional, 2006.

MATOS, Maria Helena Ortolan. Mulheres no movimento indígena: do espaço da complementariedade ao lugar da especificidade. In: SACCHI, Ângela; GRAMKOW, Márcia Maria. (Orgs.). **Gênero e povos indígenas: coletânea de textos produzidos para o "Fazendo Gênero 9" e para a "27ª Reunião Brasileira de Antropologia"**. Rio de Janeiro, Brasília: Museu do Índio/ GIZ / Funai, 2012.

MELIÀ, Bartolomé. **El Guaraní conquistado y reducido**. Ensayos de etnohistoria. Asunción: Universidad Católica, 1993.

TAUKANE, Darlene. **Educação escolar entre os Kura Bakairi**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 1996.

_____. Entre dois mundos: a vida acadêmica de Darlene Taukane. **Bay**, Belo Horizonte, abr.1998.

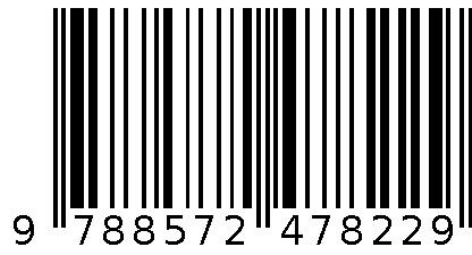
TUKANO, Nayara. **Mulheres indígenas na liderança**. Das Margens para dentro, São Paulo, dezembro de 2018, n.268. Disponível em https://www.secsp.org.br/online/artigo/12813_MULHERES+INDIGENAS+NA+LIDERANCA

SOBRE OS ORGANIZADORES

Elisa Yoshie Ichikawa - Mestre em Administração e Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realizou estágio pós-doutoral em Administração na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora da Graduação e da Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Coordenadora do projeto “Conflitos e Resistências para a Conquista e Demarcação de Terras Indígenas no Oeste do Paraná: os caminhos e as expressões do fortalecimento das lideranças e da cultura Guarani”, que teve o apoio financeiro da CAPES por meio do Edital 012/2015 – Memórias Brasileiras: Conflitos Sociais

Wagner Roberto do Amaral - Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Pós-Doutorado em Estudos Interculturais pela Universidad Veracruzana (México) e Pós-Doutorado em Políticas de Educação Superior para Povos Indígenas na América Latina pela Universidad Nacional Tres de Febrero (Argentina). Estância pós-doutoral no Instituto de Migraciones da Universidad de Granada (Espanha). Professor do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Política Social da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e membro da Comissão Universidade para os Índios da UEL. Pesquisador colaborador do projeto “Conflitos e Resistências para a Conquista e Demarcação de Terras Indígenas no Oeste do Paraná: os caminhos e as expressões do fortalecimento das lideranças e da cultura Guarani”.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-822-9



9 788572 478229